

Interculturalidade: uma experiência da troca de cartas entre alunos do Brasil e do Japão

Interculturalidad: una experiencia de intercambio de cartas entre estudiantes de Brasil y Japón

DOI:10.18226/21784612.v26.e021009

Giovana Fernanda Bruschi¹
Izabel Cristina Durli Menin²
Marcos Villela Pereira³

Resumo: O objetivo deste artigo é promover uma análise da experiência intercultural realizada através das trocas de cartas com crianças da cidade

¹Doutoranda em Educação pela PUCRS. Mestrado em Gestão Educacional pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Pós MBA em Governança e Gestão de Riscos, Especialização em Administração da Produção, Gestão da Qualidade, MBA em Gestão em Marketing e Graduação em Letras. Professora do MBA de Gestão de Pessoas e no MBA em Gerência Empresarial. Desenvolvimento estudos e pesquisas na área da Gestão da Educação Superior, Comissão Própria de Avaliação (CPA), processos avaliativos, universidades inovadoras, desenvolvimento de material didático. Atuação em Planejamento Estratégico, Gestão da Qualidade, Governança e Gestão de Riscos, Sustentabilidade e Responsabilidade Social em Instituições de Ensino Superior no serviço e na indústria. Orcid Id: <http://orcid.org/0000-0003-4613-9887>

²Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul -UCS. Pós - graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UCS. Especialização em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Unyleya. Mestre em História pela Universidade de Caxias do Sul. Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Lecionou no Colégio Regina Coeli no Ensino Fundamental e Médio as disciplinas de História; Sociologia; Filosofia; Didática da História e Geografia e Supervisão de Estágio no Curso Normal. Atuou como Coordenadora Pedagógica no Colégio Agrícola de Veranópolis , Diretora do Colégio Agrícola de Veranópolis e Vice-diretora da Escola Municipal de Educação Infantil Irmã Carmelita. Atualmente é Secretária de Educação, Esporte , Lazer e Juventude no município de Veranópolis. Orcid Id: <http://orcid.org/0000-0003-2176-8046>

³Marcos Villela Pereira é formado em Filosofia e concluiu o doutorado em Educação (Currículo) pela PUC/SP em 1996. Atuou como Coordenador do PPGEduc e Diretor da Faculdade de Educação da UFPel. Foi Diretor do Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Santo André/SP. Atuou em diversos programas de construção curricular em redes municipais e estaduais, destacando-se a atuação nas duas primeiras versões da BNCC, junto à SEB/MEC. Tem expressiva atuação junto a sociedades científicas, com destaque para a Federação de arte-Educadores do Brasil, da qual foi Secretário Geral e Presidente, e a Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação, na qual coordenou o Comitê Científico. Atualmente é Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde também atuou como Coordenador do PPGEduc e Diretor da Faculdade de Educação. Publicou artigos e trabalhos em torno do tema dos processos de subjetivação, educação básica e estudos filosóficos nesse campo, com destaque para o livro “Estética da Professoralidade”, publicado em 2013. Coordena o CEB - Centro de Ensino e Pesquisa em Contextos e Processos da Educação Básica, atua nos cursos de Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação em Educação, com ênfase nas Políticas Públicas, na Didática e Prática de Ensino nos Anos Iniciais, e desenvolve pesquisa sobre Políticas Públicas e Processos de Subjetivação na Formação de Professores para a Educação Superior e para a Educação Básica. Orcid Id: <http://orcid.org/0000-0002-3977-5167>

de Ninomiya, Província de Kanagawa - Japão, com as crianças da rede municipal de ensino do município de Veranópolis, Rio Grande do Sul - Brasil. As trocas acontecem anualmente por meio do serviço de Correios e Telégrafos do Brasil e do Japão entre os alunos do 3º ao 9º ano das escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal. As crianças japonesas escrevem para as veranenses e vice-versa. Elas contam fatos de sua rotina, de sua cidade, os aspectos peculiares de seu cotidiano, incluindo fotos e características geográficas e culturais próprias de cada espaço local. Esta experiência nos convida a estender o olhar sobre a importância de estarmos tematizando, no processo educacional, os aspectos socioculturais de diferentes povos, grupos sociais, costumes e modos de ser e conviver. Desafiamos-nos a refletir como esta prática de trocas de cartas entre as crianças de dois países muito distintos, tanto social como culturalmente, consegue despertar a consciência sobre questões ligadas a interculturalidade como um campo de debate sobre os processos identitários que constituem um ambiente. Além disso, nos possibilita analisar questões ligadas a desenvoltura da escrita e a simbologia utilizada para descrever aspectos relacionados ao cotidiano de cada criança, bem como, a subjetividade em cada mensagem no intercâmbio de cartas. A reciprocidade nas trocas, o cuidado com os detalhes presentes em cada relato, a riqueza que compõe a escrita e como o cotidiano se apresenta com semelhanças e diferenças na vida de cada aluno, seja aqui ou no Japão, são componentes essenciais na construção desta análise.

Palavras-chave: História Local; Interculturalidade; Educação; Cidadania Global.

Resumen: El objetivo de este trabajo es promover un análisis de la experiencia intercultural realizada a través del intercambio de cartas con niños de la ciudad de Ninomiya, prefectura de Kanagawa - Japón, con niños de la escuela municipal de Veranópolis, Rio Grande do Sul - Brasil. Los intercambios se realizan anualmente a través de la Oficina de Correos y el Servicio de Telégrafos de Brasil y Japón entre estudiantes de 3º a 9º grados de las escuelas primarias de la Red Pública Municipal. Los niños japoneses escriben a los de Veranópolis y viceversa. Cuentan hechos de su rutina, de su ciudad, los aspectos peculiares de su vida diaria, incluidas las fotos y las características geográficas y culturales de cada espacio local. Esta experiencia nos invita a ampliar nuestra perspectiva sobre la importancia de tematizar, en el proceso educativo, los aspectos socioculturales de los diferentes pueblos, grupos sociales, costumbres y formas de ser y vivir. Desafiamos a nosotros a reflejar cómo esta práctica de intercambiar cartas entre niños de dos países muy diferentes, tanto social como culturalmente, puede crear conciencia sobre temas relacionados con la interculturalidad como un campo de debate sobre los procesos de identidad que constituyen el espacio. Además, nos permite analizar

questões relacionadas com a facilidade de escrita e a simbologia utilizada para descrever aspectos relacionados com a vida diária de cada criança, assim como a subjetividade em cada mensagem no intercâmbio de cartas. A reciprocidade nos intercâmbios, o cuidado com os detalhes presentes em cada relatório, a riqueza que compõe a escrita e como a vida diária se apresenta com semelhanças e diferenças na vida de cada estudante, seja aqui ou no Japão, são componentes essenciais na construção deste análise.

Palavras-chave: História local; Interculturalidade; Educação, Cidadania Global.

Introduzindo a experiência

Escrever cartas sempre fez parte da vida das pessoas. O ato de escrever e de receber cartas sempre foi motivo de muita alegria: esperar o carteiro trazer uma carta, abri-las e ler cada detalhe era algo muito desejado e nas entrelinhas das cartas predominavam afetividade, amizade, o compartilhamento de ideias e a troca de notícias. Porém, nas últimas décadas as trocas de cartas têm reduzido muito e as crianças e jovens já não podem sentir a emoção de receber ou escrevê-las, pois com a entrada da tecnologia, em especial, o uso de celulares e as redes sociais, essa nova geração raramente pode sentir a emoção de compartilhar cartas.

No entanto, as cartas são importantes em inúmeros aspectos, para Brandão (2005) a troca de cartas possibilita um diálogo mediado pela escrita permitindo levantar questões, esperar respostas, prolongar a compreensão de uma noção de um texto, até o mais profundo de si mesmo. Da mesma forma para Lins e Silva (2004) a leitura de uma carta pelo outro possibilita uma troca de interpretações e permite o confronto das significações de valores. Esse confronto de ideias pode ampliar, modelar e dar novos significados às próprias representações valendo-se do diálogo com o outro.

Diferente desta realidade atual de ausência de cartas, a análise aqui construída tem por base os encantamentos que a escrita de cartas desperta nas crianças como parte de uma metodologia de ensino aplicada aos estudantes dos anos iniciais da rede municipal de ensino de Veranópolis, Rio Grande do Sul, Brasil. A primeira pergunta que esta análise pode suscitar é: qual é o motivo pelo

qual a cidade escolhida para este intercâmbio cultural é Ninomiya, Província de Kanagawa – Japão?

Começamos a discorrer, primeiramente, sobre o que uniu a educação do município de Veranópolis, interior do Rio Grande do Sul, com esta cidade tão longínqua do Japão. Veranópolis é reconhecida internacionalmente como Terra da Longevidade. Em 1981, foi publicada na Revista Geográfica Universal, a reportagem “Os Celeiros da Longa Vida no Mundo”, onde cita: “No estado brasileiro do Rio Grande do Sul existe uma localidade denominada Veranópolis, no meio de montanhas, onde vive apreciável número de velhinhos em sua quase totalidade descendentes de colonos italianos”. Esta breve citação não escapou aos olhos atentos do geriatra Emílio Moriguchi, então chefe do Departamento de Geriatria do Hospital São Lucas e coordenador do mestrado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) que, em 1994, começou a desenvolver o Projeto Veranópolis. O projeto era da Organização Mundial da Saúde e atingia uma população-alvo inicial de 50 idosos, num trabalho de campo e de análises bioquímicas. Os estudos mostraram os resultados: a garantia da longevidade era hábitos saudáveis dos habitantes. Atividades físicas, ingestão correta de proteínas e gorduras, integração na comunidade, vida familiar, fé em Deus, gosto pelo trabalho, não fumar e o hábito de tomar, moderadamente, vinho às refeições, foram aspectos apontados como fatores de vida longa e projetaram o município internacionalmente. Este selo gerou um interesse por parte de médicos ligados a pesquisa na área da saúde, que, no decorrer dos anos foram aprimorando e aprofundando estudos ligados aos hábitos alimentares, cultura, tradições, os quais estão associados com alguns excertos extraídos das cartas escritas pelos alunos.

O interesse pelo estilo de vida e pelos hábitos que favorecem uma vida longa integrou também o âmbito escolar, por ser a escola um espaço onde as boas vivências e as trocas devem ser compartilhadas, possibilitando uma “interação simbólica”. Esse termo, cunhado por Blumer (2018) refere-se aos processos de interação social. Tais interações, como já é de conhecimento, ocorrem entre pessoas, seja num processo individual ou em grupo, mediados, sobretudo, por relações simbólicas. De acordo com Blumer (2018)

o termo “interação simbólica” refere-se, evidentemente, ao caráter peculiar e distintivo da interação tal como ela ocorre entre seres humanos. A peculiaridade consiste no fato de que seres humanos interpretam ou “definem” as ações uns dos outros, em vez de simplesmente reagir a elas. Sua “resposta” não se dirige diretamente às ações uns dos outros, mas, em vez disso, se baseia no significado que atribuem a tais ações. BLUMER (2018, p. 285)

Tendo como base essa definição, consideramos que a escola torna-se um espaço de interações, as quais permeiam toda a vida do sujeito, onde existe o cruzamento de culturas com tensões, conflitos e aprendizados e onde o sujeito interpreta tais interações. Não existem práticas pedagógicas desvinculadas das questões culturais de nossa sociedade. Segundo Candau (2013, p.15) a escola possui a “responsabilidade específica que a distingue de outras instâncias de socialização e lhe confere identidade e relativa autonomia, é a mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações”. A observação da realidade de cada cultura, e de cada sociedade, que vê cada sujeito como ser pensante e agente dentro de uma diversidade, é o ponto de partida para encontrar nessa diversidade o que torna as pessoas iguais.

Tendo como objetivo principal possibilitar aos alunos das duas localidades a troca de informações quanto ao seu espaço local e a troca de informações quanto a cultura, hábitos de cada local, iniciou-se o projeto de troca de cartas entre os alunos das escolas de ensino fundamental da Província de Kanagawa – Japão com as de Veranópolis, RS com a ajuda de uma interlocutora que fala as duas línguas. As trocas acontecem anualmente por meio do serviço de Correios e Telégrafos do Brasil e do Japão entre os alunos do 3º ao 9º ano das escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal. As crianças japonesas escrevem para as veranenses e vice-versa. Elas contam fatos de sua rotina, de sua cidade, os aspectos peculiares de seu cotidiano, incluindo fotos e características geográficas e culturais próprias de cada espaço local. As trocas de cartas continuam acontecendo anualmente desde 2016 até atualmente.

A tradução das cartas, em ambas as línguas, teve como mediadora a idealizadora do projeto, nascida em Kanagawa, no Japão, mas com residência fixa no Rio Grande do Sul – Brasil.

A centralização das cartas acontece na Secretaria Municipal de Educação de Veranópolis, endereço de referência tanto para o envio, quanto para o recebimento. Ao serem enviadas as suas respectivas escolas, as direções entregam para as professoras de cada turma, que por sua vez, compartilham com os alunos. A leitura das cartas é realizada de forma individual, por cada aluno e posteriormente, socializada com todos os demais.

A leitura das cartas é um momento muito significativo, pois as experiências e acontecimentos nelas narrados são socializados para que cada aluno tome conhecimento dos aspectos que os amigos japoneses consideram importantes para ser compartilhado com os colegas brasileiros. As surpresas despertadas em relação aos jogos, às paisagens, as situações do cotidiano são evidenciadas nas expressões dos alunos, e também na pressa em responder para este “amigo das cartas” e poder, mesmo que por narrativa, contar um pouco do que acontece em seu espaço social e cultural. A despeito desse aspecto, Blumer (2018, p. 283) sustenta que “a interação humana é mediada pelo uso de símbolos, pela interpretação ou atribuição de significado às ações uns dos outros. Essa mediação equivale a inserir um processo de interpretação entre estímulo e resposta, no caso do comportamento humano”. Em consequência disso, observamos que os estudantes usaram da linguagem, seja por meio da escrita ou dos desenhos, para interagir e reagir dando seus significados com base no seu momento de vida, isto é, a infância.

Escrita, interculturalidade e cidadania global: as muitas relações

Iniciamos fazendo uma breve contextualização da necessidade do nascimento da palavra escrita. A insuficiência da comunicação oral para muitas necessidades do cotidiano acabou levando o ser humano a criar racionalmente sinais que representassem ideias quando associadas, evoluindo desta forma, do sistema de representação ideográfica ao fonetismo⁴, culminando no que temos atualmente como sistema alfabético de escrita. O sistema de escrita, desde sua invenção, tem sido fundamental para o estabelecimento da comunicação entre os seres humanos. Para Furter (1987) a abertura do nosso horizonte geográfico e a rapidez da circulação

⁴ Neste sistema as palavras passaram a serem decompostas em unidades sonoras.

das notícias nos leva a melhor sentir as interrelações das diferentes partes do mundo.

Ainda nesse aspecto, sabe-se que a identidade cultural é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelecem a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade, e, ao mesmo tempo, essa identidade sofre transformações ao longo da vida e das trocas que os seres humanos estabelecem. Ao falar do impacto da globalização na construção das identidades nacionais é necessário abordar as transformações e aceleração no processo produtivo de bens e de informação. Essa diminuição de distância faz com que acontecimentos produzidos em um determinado lugar (cidade, país, continente) tenham um impacto instantâneo sobre pessoas e lugares localizados a enormes distâncias. Dessa forma Hall (2004, p.70) declara:

O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Todo o meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação - deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais.

Por tudo isso, é válido considerar o conceito de Interculturalidade elaborado por Fleuri (2005) que indica um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade, ao contrário, fomenta o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos. Essa definição articula-se ao tema, pois traduz de forma coesa o objetivo da troca de cartas promovida pelas instituições de ensino envolvidas e principalmente, por objetivar que esses estudantes sejam agentes de ações de responsabilidade entre diferentes culturas tanto para eles, como também, junto àqueles que eles convivem. Também Furter (1987, p.17) declara:

Não só podemos tomar consciência da diversidade das civilizações, mas também organizar a sua coexistência pluralista, admitindo a necessidade de diversas soluções políticas e culturais de problemas semelhantes. Assim, o diálogo é, ao mesmo tempo, enriquecido e cada vez mais

necessário, dado o caráter pluridimensional e único do
nosso planeta.

O processo de troca de cartas entre estudantes de diferentes culturas também se alinha com os preceitos da Educação para Cidadania Global (ECG) que significa uma forma de promover uma conscientização desde a infância do respeito à diversidade, a cultura e desta forma a promoção de cidadãos globais. O documento da Unesco (2015, p. 09) enfatiza que a “ECG é um marco paradigmático que sintetiza o modo como a educação pode desenvolver conhecimentos, habilidades, valores e atitudes de que os alunos precisam para assegurar um mundo mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável”.

Essa afirmação vai ao encontro de um novo momento que a sociedade está passando, ou seja, as instituições de ensino precisam se engajar nessa realidade em constante movimento, onde os estudantes têm na palma da mão o mundo todo, repleto de novas inserções tecnológicas, étnicas, culturais e comportamentais, e onde o respeito é um dos pontos fundamentais. Diante dessa realidade, Gómez (2015) ressalta que as transformações substanciais ocorreram em três áreas fundamentais da vida social: o âmbito da produção/consumo (economia), o âmbito do poder (político) e o âmbito da experiência cotidiana (sociedade e cultura). O autor aponta que estamos diante de uma mudança de época, não apenas em um momento de transformações.

Ainda segundo a Unesco (2015) em um mundo globalizado, a educação vem enfatizando a importância de equipar indivíduos desde cedo e por toda a vida, com conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos de que necessitam para serem cidadãos informados, engajados e com empatia. Com essa interconectividade cada vez maior, por meio de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) as oportunidades para respostas de colaboração, cooperação, aprendizagem compartilhadas e coletivas têm aumentado.

Segundo Cruz et al (2012) cultura é sempre relacionada às heranças sociais de um indivíduo ou determinado grupo de pessoas pelas quais adquire ou desenvolve crenças e práticas comportamentais influenciado pelo contexto onde está inserido. Os autores destacam ainda que o estudo da influência da cultura

na aprendizagem tem se expandido devido à intensidade com que pessoas de diferentes regiões do mundo facilmente interagem no mundo globalizado atual, seja no âmbito político, econômico, educacional, desconstruindo, assim, todos os limites de espaço.

De acordo com Nussbaum (2015) um modo de avaliar qualquer sistema educacional é perguntar quão bem ele prepara os jovens para viver numa forma de organização social e política. Sem o apoio de cidadãos adequadamente educados, nenhuma democracia consegue permanecer estável. A autora sustenta que as escolas, as faculdades e universidades do mundo têm uma tarefa importante e urgente: desenvolver nos estudantes a capacidade de se perceberem como membros de uma nação heterogênea e de um mundo ainda mais heterogêneo, e inteirar-se um pouco da história e da natureza dos diversos grupos que nela habitam. Isso vai ao encontro de Blumer (2018) quando retrata sobre as interações sociais e discorre que a sociedade humana deve ser vista como consistindo de pessoas atuantes, e a vida da sociedade deve ser vista como consistindo de suas ações. As unidades atuantes podem ser indivíduos separados, coletividades cujos membros estão agindo juntos numa busca comum, ou organizações agindo em prol de uma comunidade.

Ainda nessa linha de pensamento, cabe analisar o documento da Unesco (2015) onde destaca um entendimento comum de que cidadania global não implica uma situação legal. Refere-se mais a um sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e à humanidade comum, bem como, de promover um “olhar global”, que vincula o local ao global e o nacional ao internacional. Também é um modo de entender, agir e se relacionar com os outros e com o meio ambiente no espaço e no tempo, com base em valores universais, por meio do respeito à diversidade e ao pluralismo. Nesse contexto, a vida de cada indivíduo tem implicações em decisões cotidianas que conectam o global com o local, e vice-versa.

A tradição das cartas para promover o diálogo intercultural

As trocas das cartas acontecem anualmente por meio do serviço de Correios e Telégrafos do Brasil e do Japão entre os alunos do 3º ao 9º ano das escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal. No total foram 62 cartas trocadas entre os estudantes desde o início do projeto iniciado em 2016. Participaram do

projeto as seis escolas de ensino fundamental brasileira e uma escola japonesa. Em 2018 foram trocadas 30 cartas. São quinze cartas de alunos japoneses de Ninomiya sendo 12 meninos e três meninas e quinze cartas de alunos da cidade de Veranópolis, sendo oito meninos e sete meninas. Todas elas foram analisadas nessa pesquisa, porém, apenas algumas foram mostradas nas figuras, em virtude do número de páginas. Sob esta perspectiva, o desafio foi refletir como esta prática de trocas de cartas entre as crianças de dois países tão distintos, tanto social como culturalmente consegue despertar a consciência sobre questões ligadas a interculturalidade como um campo de debate sobre os processos identitários que constituem o espaço local.

A investigação partiu dos dados analisados dessas cartas, observando os detalhes relacionados ao cotidiano, aos hábitos culturais e as vivências por eles narradas. As narrativas foram individualmente analisadas na busca de evidências que demonstrem as diferenças culturais, semelhanças e características mais preeminentes dos estudantes.

A partir das leituras, para a compilação dos dados foi utilizada a análise de Conteúdo de Bardin. Segundo Bardin (2011) o termo análise de conteúdo designa: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Contribuindo ao pensamento de Bardin sobre a importância da análise de conteúdo, de igual importância, Gaskell (2002, p. 65) afirma que a pesquisa qualitativa “fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. No contexto em questão as cartas servem de suporte para que os alunos envolvidos consigam expressar, através de suas narrativas, as suas particularidades sociais, culturais e pessoais.

A troca de cartas: um mundo a descobrir

Ao analisar as cartas ficaram evidentes alguns pontos. O primeiro deles é a abordagem do *cotidiano*, ou seja, eles retratam nas suas cartas aspectos como seus pratos prediletos, seus animais de estimação, suas famílias e no caso dos meninos o gosto por futebol. Outro aspecto interessante é a descrição das *rotinas nos colégios*, característica muito peculiar para a faixa etária desses estudantes e, sobretudo, mostra para ambas as nacionalidades, os comportamentos e atividades específicas do lugar. Como faz notar, é na representação desse cotidiano que se traduz o que acontece em nossas vidas diariamente e, nestas coisas, representamos os fatos que se passam e seguem a ordem da rotina. Assim, pode-se dizer que o cotidiano é o dia a dia que passa, sem que as coisas pareçam passar. (Pais, 2003, p. 28-29). Ainda segundo o autor:

O cotidiano é antes uma possibilidade metodológica de decifração do social. Daí o apelo a deambulamos pela imensidão do isso aí. Os riscos (ou ganhos) de nos perdermos podem ser compensados (ou potenciados) convocando um olhar seletivo e sensibilizado, desde logo do ponto de vista teórico. Com uma dupla preocupação: a ver a sociedade a nível dos indivíduos e, ao mesmo tempo, a de ver como o social se traduz na vida deles. É com esse guia de orientação metodológica que podemos cartografar o social, com o objetivo de o melhor o interpretar. (PAIS et al., 2017, p.307)

Portanto, no cotidiano, o que se passa é a rotina que se configura por ritmos sociais estruturados pela repetição, pela norma e pela regularidade e que garante ao indivíduo um sentimento de segurança. Neste sentido, chamou a atenção, numa das cartas, a escrita de um dos estudantes ao dizer que há quatro turnos, almoço e intervalo do almoço, bem como, ele cita: “limpamos a nossa escola”. Este comportamento é algo que traz uma reflexão aos estudantes brasileiros, tendo em vista que no Brasil os estudantes não fazem limpeza. Na carta, percebe-se o comportamento que os japoneses têm de limpar os lugares que frequentam, uma vez que já foi possível vê-los recolhendo resíduos em eventos esportivos.

Figura 1: Carta de um aluno do Japão

この下には書かないで下さい。

日本語	ポルトガル語
1時間目~2時間目までであれば、中休みと言って外などで遊びます。中休みが終わると3時間目が始まり、3時間目~4時間目が終わると昼休みと給食があります。ブラジルの方は遊ぶ時間はあるのですか。私もYoutubeのビデオが好きです。私たちの学校はそうじをします。私たちの学校は1年生~6年生までの行事があります。ブラジルではどのような行事が行われているのですか。私たちはクリスマスやハロウィンなどがあります。ブラジルではどのような給食がでるのですか。私はサッカーが好きです。	Após o segundo período, há um intervalo em que podemos sair ao pátio da escola para brincarmos. Logo depois inicia-se o terceiro turno. Após o quarto turno, há o almoço e o intervalo de almoço. Eu também gosto do YouTube. Limpamos a nossa escola. Em minha escola, todas as séries têm um evento. Que tipos de eventos têm nas escolas do Brasil? Aqui comemoramos o Natal e o Halloween. Que tipos de comidas as escolas do Brasil servem? Eu gosto de futebol.

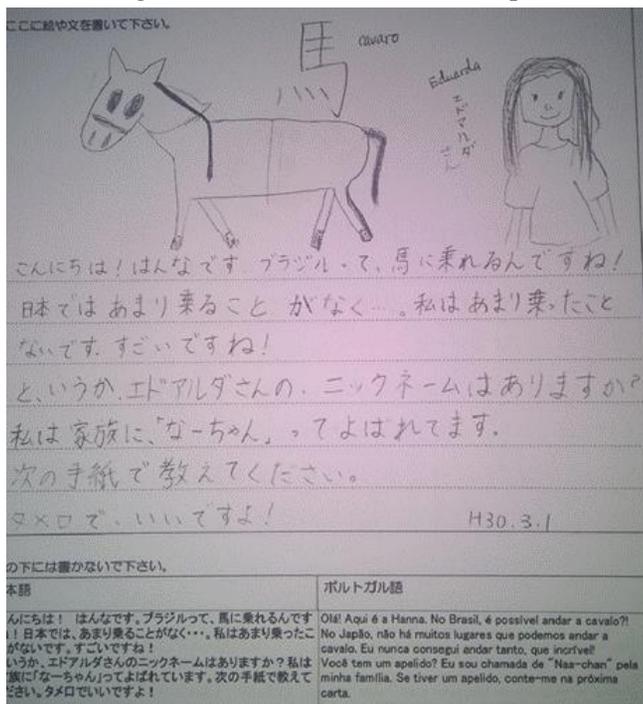
Além desses, destacam-se os *desenhos*. A iniciativa de elaborar as cartas articulando desenhos e as narrativas provem além da troca de informações, a possibilidade de reconhecer por meio das figuras, características peculiares dessas culturas. Citam-se como exemplos, a carta do aluno de Veranópolis que desenhou o Restaurante Giratório, local turístico e símbolo da cidade, bem como, os desenhos dos japoneses os quais demonstram as formas e características que são vistas pelos próprios alunos em desenhos animados e gibis japoneses. Isso vai ao encontro de Pais (2017) quando sustenta que as imagens valem por si enquanto realidade sociológica. Elas representam sempre realidades excedidas que se exacerbam no modo como e por quem são representadas. Ainda a despeito disso, o autor afirma

a vida cotidiana é um terreno onde se vive a experiência antropológica do olhar, de uma vadiagem do olhar que, só com sensibilidade teórica, consegue captar o que se oculta no que é visível. Por isso mesmo as imagens não devem ser consideradas um espelho do real, como supostamente se pensa acontecer com a fotografia, tantas vezes ingenuamente olhada como uma técnica de congelamento do real, assim se legitimando o seu uso equívoco como fotocópia do social. (PAIS et al., 2017, p.308).

Também, um ponto de fundamental importância são as formas de *grafia*, que geram curiosidade para ambos os estudantes, pois são totalmente diferentes uma das outras. Certamente, a forma de escrever dessas crianças provoca curiosidade nesses estudantes e

até mesmo no futuro, pode ser um estímulo para estudo e aquisição de uma nova língua.

Figura 2: Carta de um aluno do Japão



Estas categorias acima apresentadas encontram-se nas narrativas construídas nas cartas dos alunos. Podemos reconhecê-las nos excertos a seguir:

“Olá Sayoco Nakayina. Em minha cidade não é muito comum a culinária japonesa, mas temos um restaurante japonês, mas não tive a oportunidade de provar Sushi. Também gosto de estudar e minhas matérias favoritas são Ciências e Matemática. Meu esporte favorito e vôlei e futebol, e também gosto de jogar jogos on-line como CLASH ROYALE e CLASH OP CLANS. Qual seus esportes e jogos favoritos? Eu também gosto de gatos eu tenho uma gatinha chamada Mima.” D.Z. 6º Ano.

“Este ano estamos nos preparando para as miniolimpíadas municipais, que vão acontecer no dia oito de novembro com as modalidades: revezamento, salto em distância, lançamento de pelota. Eu gosto mais ou menos de futebol, e você? No momento não estou participando

de nenhuma atividade extre-classe. Espero muito um dia poder conhecer você!” V.M.M. 5º Ano.

“Meu nome é M. N., tenho 12 anos, moro na cidade de Veranópolis, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Eu gosto de animais, música, teatro, ciência, de desenhar, cantar, de moda, ou seja, de tudo o que envolve cultura e arte. E você gosta de cantar? Que tipo de músicas? Qual sua música preferida? Eu tenho duas: “A Thousand Years”, da Cristina Perri e “Tempo Perdido”, do Legião Urbana. Você conhece alguma música brasileira? Gostaria de conhece-lo melhor. Beijijos, M.” 7º Ano A

“Olá, eu sou A. Meu esporte preferido é futebol e gosto do Neymar e do William da Seleção Brasileira. Gosto muito de jogar Blood Strike e outros jogos de computador. Na cidade em que moro há diversos pontos turísticos, alguns são: a Praça XV de Novembro, a Cascata dos Três Monges, a Caverna Indígena. Mas o mais bonito deles é o Belvedere, um monte bem alto onde enxergamos todo o vale e o Rio das Antas. Gostaria de saber sobre alguns pontos turísticos de sua cidade. Um abraço do seu amigo A.” 7º Ano A.

“Olá Hanna! Recebi sua carta e fiquei muito feliz. O chimarrão é uma bebida bem típica da minha região. Os ingredientes são uma erva chamada mate e água quente, que são colocados numa cuia e tomamos o líquido através da bomba. Eu assisti as olimpíadas e gostei muito, pena que o Brasil não ganhou muitas medalhas. Qual é a bebida típica da sua região? Gostaria de saber. Obrigado pela carta, abraços, da sua amiga do Brasil.” I.M.P. 7a Ano A.

Figura 3: Carta de um aluno do Japão

ベラノポリスの小学生へ ← 二宮の小学生から

あて先: イルマンジロキ 小学校 7年 A組 名前 イザベリタ Patricia
 (Imao Jeronimo)

送り元: 二宮町二宮 小学校 6年 2組 名前 金子拓真

名前(よみ) たねつぐみ 名前(ローマ字) Takuma Kaneko

ここに絵や文を書いて下さい



はじめまして ぼくの名前は金子拓真です。
 イザベリさんは絵が上手ですね!!
 ぼくの好きな食べ物は何ですか?
 ぼくはブラジルについてみたいです。
 聞いたことはありませんが、書いてみたいです。
 ワクワクします。

この下には書かないで下さい。

日本語	ポルトガル語
はじめまして、ぼくの名前は金子拓真です。イザベリさんは絵が上手ですね!! ぼくの好きな食べ物は何ですか? ぼくはブラジルについてみたいです。 聞いたことはありませんが、書いてみたいです。ワクワクします。	Muito prazer, meu nome é Takuma Kaneko. Você desenha muito bem. Minha comida favorita é Pizza. Eu gostaria de ir ao Brasil. Conte-me mais sobre o Brasil, por favor.

Ao analisar estas cartas, pode-se considerar que os alunos construíram suas narrativas com base em suas vivências e, até mesmo, tendo como pano de fundo cenários imaginários do espaço local que o interlocutor habita, e a curiosidade em saber como se processa o cotidiano neste outro espaço local, que hábitos fazem parte das vivências desta outra pessoa que está trocando informações através da escrita.

Figura 4: Desenho feito em uma carta de um aluno do Brasil

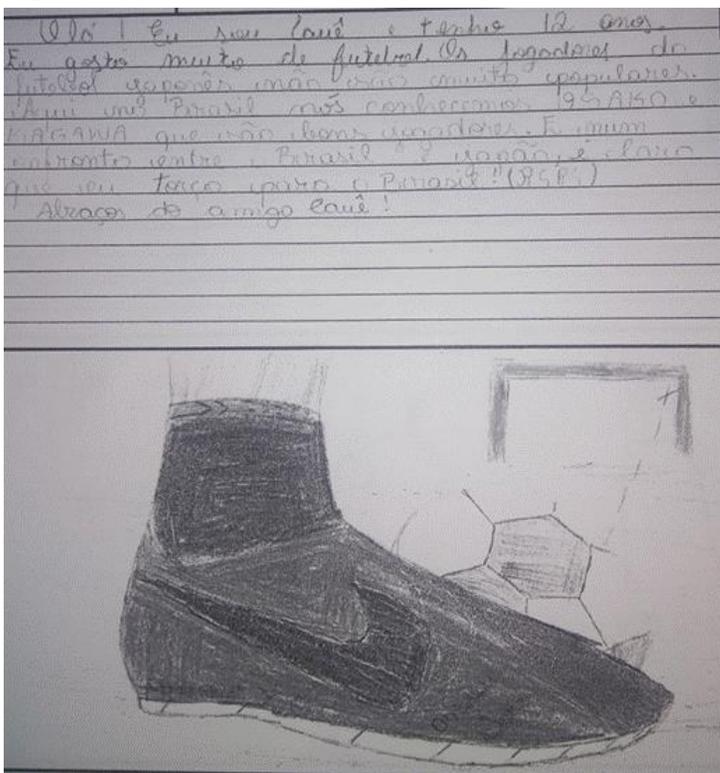


Figura 5: Desenho feito em uma carta de um aluno do Brasil



Considerações Finais

A partir da leitura das cartas, observa-se que as crianças contam fatos de sua rotina, de sua cidade, os aspectos peculiares de seu cotidiano, incluindo figuras e características geográficas e culturais próprias de cada espaço. Há uma relação entre local e global, que é gerada pela influência cultural que ambos exercem mutuamente. Essa articulação entre ambos gera novas identificações globais e locais.

Nesta troca há uma estética particular na escrita de cartas que envolve o aluno nos aspectos relacionados à estruturação do pensamento para a escrita, também, na elaboração da holografia como forma de ilustração e transposição do pensamento.

Desta forma, essas instituições de ensino estão se apoiando na busca das competências que a ECG (2015, p. 16) fomenta, ou seja, uma atitude apoiada por um entendimento de múltiplos níveis de identidade e também o potencial para a construção de uma identidade coletiva que transcenda diferenças individuais culturais, religiosas, éticas ou outras (como o sentimento de pertencer a uma humanidade comum e o respeito pela diversidade).

Os agentes sociais se constituem em relação com o espaço social que ocupam, e o espaço social se constitui a partir das distinções sociais que o constituem. Assim, o espaço social é marcado por símbolos de diferenciação que demarcam as diferenças e a hierarquias presentes na sociedade. Nesse sentido, a dinâmica envolvendo a troca de cartas contribui para que os atores envolvidos consigam estabelecer conexões dos distintos espaços que habitam e, além disso, consigam relacionar as divergências e convergências de âmbitos sociais e culturais que os cercam.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições, 2011.
- BOURDIN, A. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BLUMER, H. Sociedade como interação simbólica. *PLURAL Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v.25.2, p.282-293. 2018
- BRANDÃO, A. C. P. *Leitura e produção de textos na alfabetização*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

- BURKE, P. *O que é história cultural*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CANAU, V. M; MOREIRA, F. A. *Multiculturalismo: diferenças e práticas pedagógicas*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CRUZ G. F. J. LIMA, J. S. Evidências da cultura de ensinar e aprender línguas em narrativas e a formação do aprendiz autônomo. *Revista de Letras*, V. 4, n. 2, 2012.
- FLEURI, M. R. *Intercultura, educação e movimentos sociais no Brasil*. V Colóquio Internacional Paulo Freire. Recife, setembro 2005. Disponível em: [http:// ebookbrowse.com/fleuri-2005-recife-resumo-e-texto-completo-pdf-d218364786](http://ebookbrowse.com/fleuri-2005-recife-resumo-e-texto-completo-pdf-d218364786). Acesso: 20 jun. 2019.
- FURTER, P. *Educação e Vida*. 11. Ed. Petropolis: Vozes, 1987.
- GASKELL, G. *Entrevistas individuais e grupais*. In: M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.64-89). Petrópolis: Vozes, 2002.
- GÓMEZ, A. I. P. *Educação na Era Digital: a escola educativa*. Trad. Marisa Guedes, Porto Alegre: Penso, 2015.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LINS e SILVA, M. E. “*Cara professora*”: as práticas de escrita de um grupo de docentes. 2004. Tese Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- NUSSBAUM, M. *Sem fins lucrativos. Por que a democracia precisa das humanidades*. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- PAIS, J. M. LACERDA, M. P. C. OLIVEIRA, V.N. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017.
- UNESCO. *Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI*. Coordenação: Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil. Trad.: Rita Brossard. Brasília: UNESCO, 2015.